

As negociações

Estará o Ministro Bresser Pereira entregue, nas próximas horas, a uma missão de resultados críticos em suas projeções e que envolvem valores expressivos na contabilidade da crise brasileira, onde o endividamento externo assume posição dominante de curto e de médio prazos, com desdobramentos de extrema diversificação.

Nessa visita aos Estados Unidos, avistar-se-á com o estado maior das finanças internacionais, em cuja estrutura o Fundo Monetário ocupa situação destacada no organograma das finanças mundiais. Mais que nunca a importância do FMI, como instrumento de viabilização de negociações estáveis e duradouras, se acentua na paisagem das finanças estrangeiras. E ponto obrigatório de passagem dos fluxos do processo decisório com alimentação de curso forçado onde todas as praças do mundo são redes periféricas convergindo para a sua poderosa massa gravitacional.

Não se trata de uma rendição a esse determinismo, nem de uma subordinação aos caprichos dessa hierarquia que se sobrepõe às fronteiras dos países do Terceiro Mundo, em cuja comunidade o Brasil está integrado, em superfície e profundidade.

Muito ao contrário, o posicionamento brasileiro está claramente definido por atividades assumidas pela Nova República e caracterizadas de maneira transparente através de sucessivas manifestações, todas elas adotadas de forma coerente. Desde o primeiro comparecimento do presidente José Sarney à assembléia-geral das Nações Unidas, até a declaração da moratória perante credores internacionais, tem o País

mantido afinidade nas decisões adotadas em relação aos centros financeiros mundiais. Não foram vãs ou se constituíram em ameaças vazias as afirmativas de que o Brasil não cederia a injunções que significassem recessão econômica para a sua economia e exigissem mais sacrifícios das categorias assalariadas. O presidente Sarney as pronunciou perante a Organização das Nações Unidas, reiterando-as, posteriormente, na visita que fez aos Estados Unidos, a convite do Governo Americano. Em várias outras ocasiões essas mesmas colocações asseguraram uma decisão nacional, uma tomada de posição irreversível.

E assim procedeu o Brasil, apesar dos riscos a que a Nação se expôs e das multiplicadas dificuldades que se apresentaram para as suas relações no mercado, estrangeiro. Mantiveram-se, até aqui por isso mesmo, as retiradas do capital estrangeiro, o mesmo ocorrendo com os ingressos de poupança, externa, também em processo de rarefação nos fluxos em favor deste País.

Depois dos tropeços do Plano Cruzado I o Brasil mergulhou num cone de sombras, com o recrudescimento do processo inflacionário, com a desenvoltura do déficit público e com o desaquecimento da economia tomando rumos imprevisíveis nos ajustamentos econômicos. O desabastecimento do mercado interno se revelou a *overture* de um processo perverso no mercado de trabalho, ameaçando a estabilidade social, política e econômica em graus de alto comprometimento.

Nessa altura dos acontecimentos, com a Nação vivendo as vésperas de dias piores, surgiu o "Plano Bresser", de controle ma-

croeconômico, fazendo renascer em bases mais realistas o congelamento dos preços e dos salários, compondo com um quadro de redução do déficit público, mediante o corte de subsídios e de uma queda drástica nos gastos oficiais, onde foram sacrificadas várias iniciativas de vulto.

Como resposta de curto prazo inverteu-se a tendência da curva inflacionária, com registros auspiciosos em diversos segmentos da economia. Baixaram os índices de rotatividade no mercado de trabalho. Os preços se estabilizaram e o sistema produtivo reagiu positivamente, com inequívocas manifestações de retomada da normalidade, embora os sinais, em muitos casos ainda se mostrem apenas debilmente favoráveis. A deterioração que levaria ao descaminho político foi contida e pôde a Nação reencontrar-se à busca de novos níveis de prosperidade.

E sobraçando esse programa de reajuste que o Ministro Bresser Pereira vai-se apresentar ao FMI, em Washington, assim como aos banqueiros em Nova Iorque, reiniciando um diálogo interrompido e que agora volta a ter interlocutores. Para ouvirem e serem ouvidos. Ganha o Brasil condição para um entendimento alto e solidário uma vez que o Estágio mais agudo de seu relacionamento internacional está superado. Terão início, finalmente, as rodadas de negociação onde se afirmará a contingência brasileira de país sério, confiável e que saberá honrar os seus compromissos no plano mundial.

De afato e de direito a Nação assume a oitava posição na escala internacional dos países desenvolvidos.